

Curso de Formação da Ordem Cisterciense sobre a Oração, 27.9-1.10. 2021

Capítulos do Abade Geral Mauro-Giuseppe Lepori OCist

1. O espaço entre o coração e Deus

Iniciamos este curso de formação on line de cinco dias oferecido a toda a Ordem, da Ásia às Américas passando pela Europa e África. É como um pequeno curso de exercícios espirituais que não só nos deve reunir para falar e meditar sobre o tema da oração, mas também deve nos reunir em oração. É um gesto e um sinal de comunhão que queremos viver juntos neste tempo extraordinário da história do mundo, em que tantos contatos diretos foram e são interrompidos, ou dificultados ao serem implementados. Por isso agradeço a todos aqueles que aceitaram de participar neste gesto, quer oferecendo os cursos, quer organizando-os tecnicamente, quer traduzindo, e também a todos aqueles que individualmente ou em comunidade participam, certamente não sem algum sacrifício.

Interroguei-me sobre qual ponto de vista deveria meditar sobre a oração. É evidente que me sinto impelido a fazê-lo no âmbito da preocupação pastoral com que olho para a Ordem e, portanto, da experiência de visitas e encontros com as várias comunidades, nas diferentes culturas. Somos uma Ordem monástica e isto significa que a oração deve ser o que mais nos une, o que nos une mais profundamente. Isto é verdade? E como isso acontece? Parece-me uma preocupação importante porque, afinal, isto vale para toda a Igreja difusa no mundo inteiro e em todas as épocas da história. E isto vale para o interior de cada comunidade. As nossas comunidades estão unidas em oração? Para compreender isto, necessitamos compreender o que significa "estar unidos na oração". Talvez seja precisamente este o tema importante de aprofundar convosco neste Curso, enriquecido pelo ensinamento autorizado, e certamente bem mais conspícuo do que o meu, da Irmã Manuela Scheiba e do Padre Jordi-Agustí Piqué, ambos beneditinos e professores do Pontifício Ateneu Sant'Anselmo, para que este Curso possa nos ajudar a dar um salto de consciência e também de conversão no modo de vivermos juntos a nossa vocação, o nosso carisma beneditino - cisterciense, mesmo que as circunstâncias atuais tornem raros e difíceis os nossos encontros.

Sabemos que São Bento nos pede que comecemos tudo com a oração: "Primeiro, quando começares a fazer qual seja a boa obra, peça com uma oração muito insistente para que seja Ele mesmo a conduza-la ao término" (RB Prol. 4). Esta forma de expressar-se parece-me ecoar o que São Paulo escreve aos Colossenses: "Em tudo o que fizerdes, façam-no de coração como para o Senhor e não para os homens, sabendo que como recompensa receberão do Senhor a herança. Servi a Cristo Senhor". (Col 3,23-24)

"Façam-no de coração como para o Senhor". O que isto significa? Significa que entre o nosso coração e Deus existe, por assim dizer, um espaço a ser preenchido, um espaço no qual a nossa liberdade é chamada a escolher o que colocar nele, ou como quer vivê-lo. Portanto, quando São Bento nos pede para rezar antes de iniciarmos todo o caminho de nossa vocação, é como se ele fosse consciente que, se queremos

que toda a nossa vida seja algo bom, algo bem feito, algo bem vivido (*quidquid agendum ... bonum*) entre o nosso coração e Deus, é necessário antes de tudo preencher este espaço com a oração. A oração com a qual nossa liberdade pede com grande insistência, isto é sempre, quer dizer preparar para a nossa vida, a tudo o que vivemos e a tudo o que acontece e acontecerá, um espaço entre o nosso coração e o Senhor. Melhor: um espaço para o nosso coração que *é* o Senhor, porque não há espaço fora Dele. O nosso coração, a nossa alma, são feitos para respirar num espaço infinito, e este espaço é o Coração de Deus, ou seja, um Deus que é Amor e que nos ama pessoalmente, ao ponto de saber quantos cabelos temos na nossa cabeça (cf. Mt 10,29-31).

“Em todas as coisas que fizerdes, façam-na de coração como para o Senhor e não para os homens”. Tanto São Paulo como São Bento, e sobretudo o próprio Jesus, avisam-nos que o espaço entre o nosso coração e os homens é demasiado limitado para poder conter toda a vida, tudo o que somos chamados a viver, a fazer e a desejar. Temos sempre a tendência de viver apenas numa dimensão horizontal, uma dimensão “plana”, bidimensional. Paulo fala aqui apenas da relação entre os seres humanos, mas também poderia acrescentar que não devemos viver apenas para as coisas, para os bens, para os nossos corpos e, em última análise nem sequer para o nosso coração, porque tudo o que é apenas horizontal não cria um espaço adequado para viver as nossas vidas. Viver apenas entre o nosso coração e as coisas, entre o nosso coração e o nosso coração, ou entre o nosso coração e o nosso corpo, bem, este espaço seria demasiado limitado para conter toda a vida, tudo o que somos chamados a viver, a fazer e a desejar. Só o espaço entre o coração e Deus, entre o nosso coração e o Coração de Deus é adequado à nossa vocação humana, porque Deus criou o nosso coração à Sua imagem e para Ele.

Assim, compreendemos imediatamente uma coisa: que não se trata tanto de colocar um pouco de oração na vida, mas de colocar a vida na oração. Trata-se de colocar toda a nossa vida e a vida do mundo na oração, numa relação com o Senhor. Somos assim convidados a cultivar uma grande, dilatada, universal e infinita concepção da oração, mesmo se ela é expressa pelo nosso coração e pelas nossas comunidades, que nos parecem sempre pequenas e frágeis. A oração como tensão entre o nosso coração e o Senhor é um respiro infinito concedido à nossa miséria e fragilidade.

Quando Jesus, e depois Dele toda a tradição cristã e monástica, nos pede para “rezar sempre, sem nunca nos cansarmos” (Lc 18,1), antes de estabelecer uma prática, quer educar-nos para termos uma consciência correta e verdadeira de nós próprios, da nossa vida e de toda a realidade. Rezar sempre, pedir sempre, significa viver tudo dentro da relação do coração com o Senhor, e, portanto, colocar e viver tudo no seu devido lugar, na verdade. Posso realizar uma ação heroica, mas sem a consciência de que tudo é feito por Deus e para Deus. Portanto, esta ação heroica é menos verdadeira, menos humana, menos santa do que um pequeno gesto, também ordinário e cotidiano, feito e vivido com a consciência da relação com o Senhor, ou seja, em oração. A oração nos é dada e pedida para que vivamos todas as coisas na verdade. Porque a verdade sobre nós mesmos, de tudo e de todos é a relação com um Deus que nos cria, que nos ama e que é a plenitude da nossa vida.